

'A carta-testamento foi dirigida ao povo. O Jango nunca tinha sido político'

Filha de Getúlio Vargas diz que não via João Goulart como um herdeiro do pai e relata momentos antes do suicídio do ex-presidente

DEPOIMENTO

Filha de Getúlio Vargas e de Darcy Vargas, Alzira Vargas foi chefe do Gabinete Civil da Presidência durante o governo de seu pai

MARCELO GODOY

Alzira Vargas do Amaral Peixoto era a guardiã dos arquivos de seu pai, Getúlio Vargas. Fazia quatro anos que ela os havia doado ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CP-DOC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), quando decidiu prestar esse depoimento aos jornalistas do *Jornal da Tarde*.

Este material permaneceu inédito e traz detalhes de crises que marcaram a República entre os anos 1930 e 1950, que coincidiram com os governos de seu pai. Aqui estão sua visão sobre a investigação envolvendo a CPI da compra do jornal *Última Hora* e a descrição da crise político-militar que levou ao suicídio de Vargas em 1954. Uma das principais auxiliares de Vargas, Alzira ainda repete a velha mentira espalhada pelos getulistas sobre o atentado contra o jornalista Carlos Lacerda, que vitimou o major Rubens Vaz: a de que ele simulara o atentado. Durante o depoimento, Alzira demonstrou mordacidade e rancor ao chamar Lacerda de "Carlinhos Boa Rima". Aqui, ela fala sobre a herança do varguismo e o papel de João Goulart, que seria derrubado da Presidência dez anos após a morte de seu pai.

'EMPRESTIMO. "Acontece que, com os vários contatos do Samuel (Wagner) com o papai, ele se tornou amigo dele. Papai o chamava 'profeta' e dizia, na época, que o nomearia embaixador em Israel, mas o Samuel, que o que ele queria era um jornal. Eu disse: 'Isso não é mole não, ninguém tem dinheiro para isso'. Ele disse: 'Eu assumo o acervo do *Diário Carioca* e o Dr. Getúlio não tem que me dar nada'. Eu disse: 'Ele não vai te dar um vin-tém'. Então, a *Última Hora* não foi propriamente uma criação

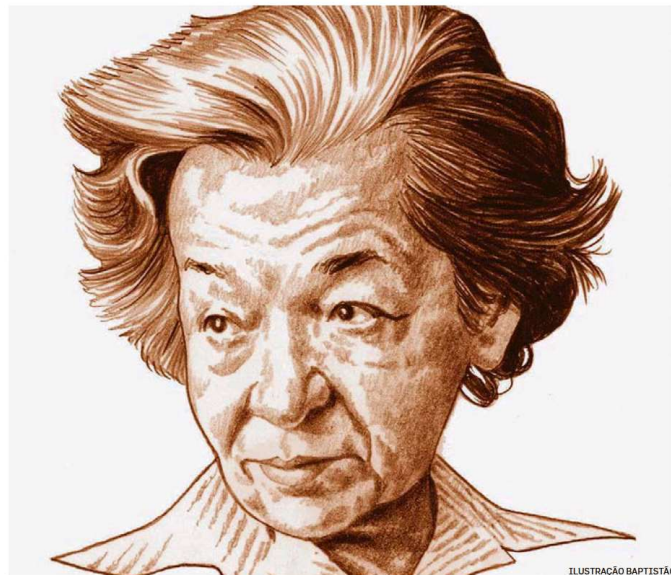


ILUSTRAÇÃO BAPTISTÃO

Quem é

ALZIRA VARGAS

Chefe do Gabinete Civil de Getúlio

A filha de Getúlio Vargas também atuou como professora, bibliotecária e intérprete e foi primeira-dama do Rio de Janeiro, como esposa de Ernani do Amaral Peixoto.

Nascida em São Borja, no Rio Grande do Sul, é autora do livro *Getúlio Vargas, meu pai*, de 1960.

Foi presidente da Fundação Darcy Vargas e da Casa do Pequeno Jornaleiro, de 1968 a 1992, quando faleceu, aos 77 anos, no Rio de Janeiro.

A ÚLTIMA REUNIÃO. "Não agüentei mais e baguncei o coreto, dizendo: 'General Zenóbio, não é só a sua vida que está correndo risco, é a vida de todos nós, então eu tenho o direito de interperar também, eu sei tão bem quanto o senhor, que não foram 80 generais que assinaram (o pedido de licença de Vargas), está nas mãos de fulano de tal (...) e só assinaram 12 por enquanto, os 77 quer que eu lhe dê os nomes?' Ele ficou branco. Virei-me para o ministro da

Marinha (almirante Renato de Almeida Gullobel) e disse: 'Quanto ao senhor, ministro, o senhor sabe perfeitamente que marinheiro não ataca em terra, e a única tropa de terra que o senhor tem, que dispõe, são os fuzileiros navais, não é? E, no momento, eles estão comandados pelo comandante Camargo (almirante Sylvio de Camargo), com quem falei, e ele me declarou que a Marinha só sairá se atacada. Quanto à Aeronáutica, o senhor ministro Epaminondas (brigadeiro Epaminondas Gomes dos Santos), o senhor sabe tão bem quanto eu, que a única tropa em condição de voo é Santa Cruz, e Santa Cruz no momento é comandada por um ex-ajudante de ordens do meu pai, o coronel (Osvaldo) Pamplona'. (...) Guillo-bel, nessa ocasião, tranqüilamente, disse: 'Doutor Getúlio, o senhor, por incrível que pareça, é um homem destinado a ser sempre traído pelos chefes militares'. (...) Então meu pai virou-se para eles, e disse: 'Já que meu Ministério não resolve, eu decido: mantenham a ordem, e eu entro com pedido de licença. Mas, se não fizerem (os militares) isso, encontrarão aqui o meu cadáver'. Levantou-se e foi para o gabinete dele."

O TIRO. O Bejo (Benjamin Vargas, irmão de Getúlio) foi informa-

do pelo general Âncora (Armando de Moraes Âncora), que foi ao gabinete comunicar que a decisão era essa. Ele subiu para dizer ao papai então – eu acredito que ele tinha ido ao gabinete, apanhar o revólver e a carta (a carta-testamento). (...) Nesse momento, alguém me segura pelo ombro e diz: 'Alzira seu pai...'. Sai correndo, mas não tinha ouvido tiro nenhum e, quando cheguei, ele já estava agonizando. (...) Não é fácil. Minha mãe dormia ao lado do quarto dele. Eu praticamente não tomei conhecimento de ninguém. O negócio parecia que era comigo. Não conseguia chorar e fiquei durante muito tempo sentada com o casaco dele todo sujo de sangue. Eu me joguei sobre o corpo dele e fiquei com a blusa toda manchada de sangue. Depois me agarraram. Logo depois, veio a notícia de que a minha tia, irmã de minha mãe, ao ouvir a notícia pelo rádio, caiu fulminada."

PÓS-64. "Houve uma tentativa de se fazer o vazio em torno de nós. O Ernani (do Amaral Peixoto) não foi cassado porque não conseguiram, mas houve tentativa. O Lutero (seu irmão) foi chamado para depor, mas não havia nada contra ele de concreto."

JANGO ERA O HERDEIRO? "Não. A carta-testamento foi dirigida ao povo. O Jango nunca tinha sido político. (...) O Jango, para mim, teve o mérito de ter dado ao meu pai, em 1946, exatamente na época em que ele mais precisou, carinho e conforto. Foi nessa época que ele se meteu em política. Inclusive, trabalhou na fundação do PTB."

OPODERÉ AFRODISÍACO? "Afrodisíaco para quem quer se aproveitar do poder, porque muita lenda que se criou em torno... Todos nós... De vez em quando, eu vejo: 'Porque a senhora quando esteve no Amazonas'. Eu nunca estive no Amazonas. Quer dizer, criam um mito e muita coisa que não é verdade e não se pode desmentir, porque vai ferir outras pessoas. O poder em si depende da maneira como você usa. Realmente, é gostoso. Você pode fazer alguma coisa, mas sem abusar. Eu me recordo da época em que o Carlinhos Boa Rima (Lacerda) começou a campanha contra nós: 'Alzira contrabandista!'. Nunca recebi... É possível que alguém tenha feito contrabando e dito que era presente para mim. Nunca fiquei sabendo; nunca recebi. Quando chegaram os automóveis para a Presidência, disseram: 'Automóveis para a Alzirinha passar com seus amantes'. Bolas! Então o problema do poder, depende de como você quer usar. Se você usa em benefício próprio, é uma coisa; se usa em benefício do povo é outra." ●



NA WEB
Leia outros trechos inéditos do depoimento de Alzira Vargas ao 'JT' www.estadao.com.br